

Todo dia era dia de índio: manifestações culturais relativas à semana do dia do índio na Terra Indígena Toldo Chimbanguê em Chapecó, (SC)<sup>1</sup>

Adiles Savoldi  
Universidade Comunitária Regional de Chapecó (UNOCHAPECÓ)

Resumo:

Esta pesquisa evoca a relação entre visitantes e a população Kaingang da Terra Indígena Toldo Chimbanguê, a partir das atividades desenvolvidas nos últimos anos, por ocasião do dia 19 de abril. A Terra Indígena Toldo Chimbanguê está localizada às margens dos rios Irani e Lajeado Lambedor, a uma distância de 18 km da cidade de Chapecó (SC).

A escolha do dia 19 de abril para comemorar o dia do índio aconteceu no I Congresso Indigenista Interamericano realizado no México em 1940. No Brasil, Getúlio Vargas consolidou a proposta em junho de 1943. Cândido Mariano Rondon protagonizou a programação instituindo uma semana do índio.

A semana de atividades culturais, manifestação pública relativa ao dia do índio, na Terra Indígena Toldo Chimbanguê está sendo organizada pela população Kaingang, sob orientação dos professores da Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen' nó. O público-alvo são as instituições de ensino de Chapecó e região, e o objetivo é “resgatar” e valorizar a cultura indígena.

Durante a semana cultural acontecem apresentações de danças, exposição de artesanato, degustação de culinária típica; é o momento do encontro entre a população indígena e os visitantes, contexto que se constitui em um espaço de negociações de sentidos e trocas culturais.

Palavras-chave: Kaingang, educação indígena, turismo étnico e cultural.

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com financiamento do FAPE ( Fundo de Apoio à Pesquisa da UNOCHAPECÓ). Ressalto também a contribuição da bolsista Andreza Bazzi na realização e transcrição de entrevistas com organizadores e participantes da Semana Cultural.

As comemorações relativas ao dia do índio, tradicionalmente realizadas na semana do dia 19 de abril, vêm se constituindo em espaços de visibilidade e positividade da cultura Kaingang e Guarani<sup>2</sup>. Este artigo pretende analisar como a população Kaingang da Terra Indígena Chimbangue vem se organizando, por meio das atividades desenvolvidas a partir do ano 2000, por ocasião do dia 19 de abril. “Esse evento cultural já virou tradição na comunidade”, afirma o professor Kaingang, Valmor Venhrã Mendes de Paula.

A pesquisa aborda as manifestações que envolvem a semana cultural na TI Toldo Chimbangue. A etnografia procurou mapear as diferentes etapas, estratégias e significados da preparação e realização da Semana Cultural. Durante a realização da Semana de 2007 e 2008, foi feita a observação participante, além das entrevistas com os organizadores e visitantes. Outra fonte de pesquisa foi o acervo do CEOM (Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina) sobre as Semanas Culturais realizadas nos anos anteriores.

A Terra Indígena Chimbangue está localizada às margens dos rios Irani e Lajeado Lambedor, a uma distância de 18 Km da cidade de Chapecó (SC).

Segundo Juracilda Veiga (1995), a denominação Kaingang é genérica e aborda grupos indígenas falantes de dialetos de uma mesma língua, filiados ao tronco Jê, localizados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como na província argentina de Misiones. Wilmar da Rocha D'Angelis (1995), em sua obra "Para uma história dos índios no Oeste Catarinense", revela que o avanço das frentes pastoris no território Kaingang se torna sistemático somente no início do século XIX, "em razão da economia portuguesa e em função da geopolítica colonial" (p. 154).

No final do século XIX, com a queda do Império e o estabelecimento da República por parte dos militares, foi promulgada, em 1891, a Constituição Republicana. A Constituição marcou uma mudança no modo de administração da terra, “as terras devolutas do Império são entregues ao domínio dos Estados, que ficam com o direito de medi-las, doá-las, etc.” (D'ANGELIS, 1995, p.187). Segundo o autor, inúmeros aldeamentos foram tomados dos índios no período.

As terras dos Kaingang do Chimbangue foram atingidas com a medição e titulação da fazenda Barra Grande.<sup>3</sup> No início do século XX, o Governo de Santa Catarina investe na

---

<sup>2</sup> Na Terra Indígena Toldo Chimbangue vivem hoje, provisoriamente, vinte famílias de índios Guarani que aguardam a solução da regulamentação de sua Terra.

<sup>3</sup> Segundo D'Angelis (1995, p.187), a medição e titulação foi “a pedido de José Joaquim de Moraes, um morador da região que acobertava uma das grilagens em favor de Luiz Vicente de Souza Queiroz, o Barão de Limeira, na região Oeste.”

política de colonização, no recém-incorporado oeste catarinense, o alvo foram os descendentes de imigrantes europeus que haviam se estabelecido no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, e que no momento precisavam de novas terras. As maiores investidas na área do Chimbanguê aconteceram na década de 40, tendo como protagonista a empresa Luce Rosa & Cia, que comprou as terras dos herdeiros da Baronesa de Limeira.

Segundo Bloemer e Nacke (2007), a ineficácia do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) na proteção e regularização da área indígena possibilitou que a empresa Luce & Rosa efetivasse a venda aos colonos<sup>4</sup> e, também em 1948, vendeu uma parte da área a Severino e Giocondo Trentin, que revenderam aos colonos.

Há registros da presença Kaingang no Chimbanguê desde 1882. No final da década de 1970, os Kaingang se organizam na luta pela retomada das terras. Mas, segundo Bloemer e Nacke (2007, p.61),

Em julho de 1984, foi nomeado através da Funai o Grupo de Trabalho composto por antropólogos, agrimensores, técnicos agrícolas; houve, inclusive, a necessidade da presença da Polícia Federal, pois um clima de tensão havia se estabelecido, não só na área em litígio, mas no município de Chapecó. Este processo se estendeu até 30 de dezembro de 1985.

Em 1985, foram demarcados 988 hectares, metade da área reivindicada pelos Kaingang do Toldo Chimbanguê. Bloemer e Nacke (2007, p.63) destacam que os Kaingang lutam para recuperar os 975 ha. de terra que foram acordados em 1985. “Embora esta segunda área esteja reconhecida e identificada como pertencente aos Kaingang, não houve até o presente, a ação efetiva do governo federal no sentido de providenciar as indenizações aos agricultores que se encontram inseridos neste território indígena.”

Para os descendentes de imigrantes europeus no oeste de Santa Catarina o que legitima a posse da terra é o trabalho. A expressão mais comum neste sentido é “pra que os índios querem tanta terra se eles não trabalham?” Os discursos mais simplistas sobre os índios não são inéditos, tampouco exclusivos da região oeste, eles repetem um repertório já abordado por autores como João Pacheco de Oliveira (1998), em seu texto "Muita terra para pouco índio? Uma introdução crítica ao indigenismo e a atualização do preconceito", entre outros.

Na consideração de Bourdieu (1989), a região não é apenas o espaço, mas sim constitui-se no compasso deste com o tempo e a história. Afirma ainda: "o discurso regionalista é um discurso performático" (p.116). Nos discursos regionalistas ocultam-se

---

<sup>4</sup> Descendentes de imigrantes europeus, mais especificamente de italianos e alemães, oriundos do Rio Grande do Sul.

índios e caboclos enquanto sujeitos construtores da história, somente os descendentes de imigrantes europeus aparecem como os trabalhadores que fazem da região uma terra de progresso. Neste sentido, Bourdieu (1989) alega que somente os grupos que dispõem de autoridade legítima, ou melhor, de autoridade creditada pelo poder podem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros. Os diferentes grupos étnicos se encontram em diferentes posições de poder. Os descendentes de imigrantes europeus acionam o trabalho como um sinal diacrítico para estabelecer a distinção com os outros grupos étnicos. Eles se autonominam como trabalhadores em relação aos outros, que são classificados etnocentricamente como vagabundos.

### **A visibilidade das diferenças e as fronteiras étnicas**

Os símbolos que estão sendo privilegiados para representar o modo de vida Kaingang na atualidade na Terra Indígena Chimbanguê são construídos em oposição às representações estereotipadas da população não-índia.

As relações interétnicas se constituem relacionalmente neste contexto onde a disputa não acontece apenas em relação a terra, mas também nas diferentes formas de expressar o mundo. Para Barth (1969) etnicidade reflete a forma com que o grupo mantém simbolicamente as suas fronteiras culturais. Nesta perspectiva as identidades não são concebidas como resultados de heranças culturais, e sim resultados de uma invenção contínua de traços culturais. A identidade, portanto, pode ser representada como um jogo simbólico. As fronteiras étnicas são definidas a partir das diferentes formas de organizar a diferença.

Flávia Lac (2005, p.16) ao analisar o turismo e a identidade indígena, faz referência à fronteira étnica concebida, segundo Nunes (2004), como sendo “ao mesmo tempo, um ponto de ‘encontro e de desencontro’ dos grupos sociais em decorrência de conflitos diversos, especialmente de identidade”. Os principais conflitos, no presente, dizem respeito à luta pela terra.

No contexto atual, a luta pela terra, para nós Kaingang do Toldo Chimbanguê, simboliza também a luta pela sobrevivência e pela manutenção de nossa especificidade cultural. Pois nós Kaingang, ao mesmo tempo em que queremos continuar a praticar nossos hábitos culturais. (Professora Kaingang Janete da Veiga)

Os Kaingang da TI Chimbanguê são concebidos pela alteridade, em muitas circunstâncias, de modo pejorativo e algumas vezes são acusados de roubar terras dos

agricultores. É nesse contexto que a população Kaingang abre as suas portas para receber a alteridade na comemoração da semana do dia do índio.

A escolha do dia 19 de abril para comemorar o dia do Índio aconteceu no I Congresso Indigenista Interamericano realizado no México em 1940. Getúlio Vargas consolidou a proposta através do Decreto-Lei n. 5.540, na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de junho de 1943.

No empenho de oferecer todo o entusiasmo aos festejos consagrados aos primitivos habitantes do continente americano, o conselho nacional de proteção aos índios, sob a presidência do General Cândido Mariano Rondon, organizou vasta programação instituindo uma semana do índio.<sup>5</sup>

Hoje, as atividades culturais são organizadas pela própria população indígena, coordenada pela proposta de uma educação diferenciada.

A partir de uma pesquisa, desenvolvida nos últimos anos, foi possível refletir sobre alguns dos aspectos que envolvem a produção da diferença por parte da população Kaingang da Terra Indígena Xapecó. Na contemporaneidade, a diferença se constitui em um referencial que adquire o estatuto do direito, contrariando as hipóteses globalizantes que alardeavam o seu fim. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, as populações indígenas conquistam o direito de um currículo diferenciado. A especificidade do currículo permite o ensino da língua materna e outras práticas culturais que vêm sendo pesquisadas pelos professores indígenas.

De acordo com Nötzold (2003), em 31 de março de 1995 foi criado o NEI (Núcleo de Educação Indígena) junto à Secretaria do Estado da Educação e do desporto de Santa Catarina. Esse núcleo foi o responsável pelas propostas educacionais diferenciadas. O objetivo do projeto de educação diferenciada expressa: "a educação escolar indígena deve ser intercultural e bilíngüe, específica e diferenciada"<sup>6</sup>.

A possibilidade de construção de currículos específicos que levassem em consideração as diferenças culturais e lingüísticas propiciou uma reflexão por parte dos próprios professores das terras indígenas. A responsabilidade em estabelecer os contornos, as fronteiras das diferenças, é o grande desafio dos professores Kaingang.

Clifford Geertz (1989) concebe a cultura como um conjunto de símbolos e significados estabelecidos socialmente. O conceito de cultura "tem seu impacto no conceito de homem. Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do

---

<sup>5</sup> Fôlder explicativo referente à implantação do dia do índio. Anexo do trabalho de Flávia Lac (2005).

<sup>6</sup> Fôlder sobre o curso de formação e habilitação de professores de 1º a 4º de ensino fundamental para o contexto Xokleng e Kaingang.

comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles se tornam, um por um. (GEERTZ, 1989, p.64)”. As teias de sentido produzidas pela cultura orientam a conduta, comportamentos e também constroem o homem. O homem do mesmo modo que produz cultura também é produzido pela cultura. A cultura é o conjunto de significados através dos quais os homens dão forma à sua experiência.

O projeto de educação diferenciada trouxe à tona uma discussão e negociação interna sobre o que é considerado relevante, específico e diferente em relação ao contexto Kaingang. O que é ser índio?

Ser índio é ter raízes indígenas. Precisamos ter em mente a importância da nossa cultura e não ter vergonha de nos identificar quando preciso for. Precisamos lutar pela nossa própria identidade sempre respeitando as outras pessoas [...] Bom, no modo de eu ver, ser índio hoje, é preservar a minha cultura, conhecer o meu sistema, modo de viver, de pensar, modo de trabalhar, mas também conhecendo outro mundo, hoje é preciso ter os dois mundos, entender os dois mundos, para a gente poder sobreviver, porque se eu ficar hoje só na minha cultura, eu não acompanho, daqui a pouco eu vou ficar para trás, vou sofrer, então hoje, a gente tem a nossa escola para instruir, dar instruções, buscar o conhecimento. (Professor Kaingang, Valmor Venhrá Mendes de Paula).

A educação diferenciada, para os professores indígenas, possibilita trabalhar com os alunos indígenas a valorização e a positividade de cultura Kaingang e Guarani. Tem como meta conhecer a cultura dos antepassados, “preservar” essa cultura, sem deixar de conhecer e se informar sobre o que está acontecendo no mundo.

### **A educação revelando e construindo diferenças**

De acordo com Nötzold (2003), o NEI (Núcleo de Educação Indígena) foi criado com o objetivo de sistematizar estudos para viabilizar o currículo diferenciado. Uma das principais dificuldades que o NEI teve que enfrentar foi o desinteresse dos alunos em aprender a língua Kaingang.

A implantação de projetos escolares diferenciados para sociedades indígenas, apresentava, entretanto, um grave porém. No artigo 210 da Constituição Federal, tiveram assegurados a utilização das línguas maternas, com processos próprios de aprendizagem, entretanto em alguns casos a comunidade já não utilizava a língua materna cotidianamente, sendo necessário criar a figura do monitor-bilíngüe, surgindo assim para alfabetizar nas línguas indígenas. (NÖTZOLD,2003, p.31).

Para a autora, a resistência da retomada da língua foi manifestada tanto pelos pais como pelos alunos, sendo superada "aos poucos, graças à perseverança dos professores" (p.31). No projeto de educação diferenciada, é fundamental a presença de professores indígenas. Nos moldes da educação formal, o currículo não apresentava as especificidades da cultura Kaingang; do mesmo modo, os professores desconheciam muito das características da cultura Kaingang.

A etnia Kaingang foi, ao longo da história, discriminada, excluída e esquecida pela sociedade envolvente. Foi muitas vezes, obrigada a esquecer sua cultura, para assim, ser aceita na sociedade. Como forma de luta e retomada de seus direitos, conquistas; iniciou-se com os povos indígenas, o trabalho de revitalização da cultura; aqui no Sul, em específico, os Kaingang.

A dança Kaingang é uma forma de revitalização da cultura; para isso, foram necessárias muitas pesquisas, principalmente com nossas pessoas mais velhas da comunidade, que para nós são os nossos laboratórios de aprendizagem.

Hoje a dança Kaingang está muito presente em todas as manifestações culturais da Terra Indígena; cada uma possui um significado para a etnia Kaingang, que está dia-a-dia lutando para a concretização e o respeito de seus direitos, que muitas vezes são mal interpretados pela sociedade. (Professora Kaingang, Vanisse Fágkri Domingos).

As pessoas mais velhas são consideradas fundamentais na nova proposta educacional. São uma das principais fontes de informação sobre o passado, sobre os modos de vida que se quer "revitalizar hoje". Outra característica da educação diferenciada são os conteúdos considerados apropriados para compor o currículo, como por exemplo: danças, artesanato.

Os professores reivindicam hoje um calendário diferente, alegam que construir uma proposta diferenciada orientada por um calendário que não leva em consideração os seus feriados, suas datas significativas, é um contra-senso. Em relação à cultura diferenciada advertem que há muita coisa a ser feita ainda.

Nós professores precisamos estar nos atualizando, trocando experiências com as demais escolas. Porque o nosso trabalho de línguas, nós não temos o suporte pedagógico, nós não temos porque, até então não temos material didático, o material didático que nós temos, é aquele que nós construímos dentro da escola, e só, ou experiências que fizemos em outras escolas também. (Professor Kaingang, Valmor Venhrá Mendes de Paula).

Como esse projeto é ainda novo, falta uma assessoria pedagógica e do mesmo modo uma assessoria na produção do material didático. Outras dificuldades são apontadas na ausência da matéria-prima para a produção do artesanato

A gente deixou de buscar coisas que poderiam ser mais representativa, de mais representatividade, de trabalhos feitos por nós, mas que por falta de dinheiro, muitas vezes se deixou de adquirir, porque hoje nem tudo a gente consegue na natureza, tinta, precisamos de tinta, temos que buscar na cidade, precisamos de

barbante, para fazer um colar, temos que buscar na cidade porque na mata onde tinha cipó, que a gente fazia o barbante não tem mais, praticamente ficou escasso, matéria-prima tá em extinção a cada ano que passa, e a gente tá envolvendo toda a piaçada, para que a partir deste ano, mais tarde do início do ano que vem, a gente possa também cultivar matéria-prima. (Professor Kaingang, Valmor Venhrá Mendes de Paula).

Mesmo que a proposta seja “revitalizar” a cultura, é possível perceber que a cultura ideal precisa encontrar a natureza adequada; percebe-se que não foi apenas a cultura que mudou, a natureza já não é a mesma do tempo dos mais velhos.

Com a proposta de uma educação diferenciada surgiu também a possibilidade da revitalização da cultura. Para a execução dessa educação diferenciada foi necessário estudar, discutir e rememorar o passado para pensar a "diferença" a ser destacada no presente. Os resultados da educação diferenciada vêm sendo publicizados a partir de 2000 com a organização da primeira Semana Cultural.

A partir de 2000, a comunidade se reuniu, e começou a desenvolver apresentações que mostravam como é, de fato, a cultura indígena. A primeira iniciativa foi na Escola de Ensino Fundamental Irani que atendia de primeira a quarta série, na década de noventa, que não teve nenhum registro. No ano de 2000, na Escola Básica Sede Trentin o coletivo de professores uniu-se junto à comunidade indígena e iniciou a Semana Cultural. (Professora Kaingang, Janete da Veiga)<sup>7</sup>.

A organização da semana Cultural conta com parcerias como a FUNAI, FUNASA, CIMI, UNOCHAPECÓ, CEOM, GAPA, GEECT<sup>8</sup>. Desde 2004, a Semana Cultural acontece na Escola Indígena de Ensino fundamental Fen’Nó, na Sede Trentin. A preparação da Semana Cultural já faz parte do currículo e calendário da Escola.

A programação da Semana Cultural é divulgada num pôster para as instituições de ensino e o público em geral. Não há restrições no que diz respeito à entrada na Terra Indígena durante a realização do evento. As Escolas costumam agendar as visitas.

Cada Semana apresenta um tema; o primeiro evento teve como tema: “Os Kaingang do Toldo Chimbangu resgatando sua história”.

Programação: Segunda-feira – 24/04/2000 - apresentação de filmes e debates.

Terça-feira: 25/04 - representações teatrais, dança e músicas.

Quarta-feira – 26/04 – preparo de alimentação típica indígena, demonstração e manipulação de ervas medicinais indígenas.

---

<sup>7</sup> Texto apresentado no relatório da Semana Cultural de 2006.

<sup>8</sup> FUNAI (Fundação Nacional do Índio), FUNASA (Fundação Nacional da Saúde), CIMI (Conselho Missionário Indígena), UNOCHAPECÓ (Universidade Comunitária Regional de Chapecó), CEOM (Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina), GAPA (Grupo de apoio e Prevenção à Aids), GEECT (Gerência de Educação e Tecnologia).

Quinta-feira – 27/ 04 - relato das suas organizações tribais.

Sexta-feira – 28/04 - Exposição de artesanatos, fotografias e objetos relacionados à cultura Kaingang.

A II Semana Cultural de 2002 teve como tema: “Os kaingang do Toldo Chimbanguê, revitalizando sua história e construindo sua autonomia em defesa dos seus direitos”.

O objetivo da II semana foi:

Levar ao conhecimento da sociedade envolvente, a luta dos povos indígenas em busca da revitalização das suas culturas, fazendo a integração e exposição das etnias kaingang e Guarani, mostrando a sociedade não-índia um conhecimento amplo da realidade indígena e passando a ter uma nova visão sobre a nossa cultura, apreendendo a respeitá-la e valorizá-la.

A III Semana Cultural apresentou o tema: “Não somos atrasados, Kaingang, estamos cultivando o passado; vivendo e construindo no presente preparando-nos para o futuro”.

Os protagonistas e participantes alegam que a organização da semana cultural vem sendo aprimorada com o decorrer do tempo. Os professores se consideram aprendizes nesse processo de implementação da língua Kaingang, do estudo da etno-história. Os temas das três semanas evidenciam a tentativa de influenciar o público para que este ouça a história sob o ponto de vista da cultura Kaingang. “O objetivo é que os não-índios nos vejam como seres humanos e nos tratem com respeito.” (Professor Kaingang, João Batista).

A abertura da Semana Cultural acontece com a presença e discurso das autoridades locais, lideranças indígenas, representantes do município, da GEECT e professores indígenas. Após os discursos iniciais, a banda do Batalhão Militar se apresenta com o Hino Nacional. Em seguida, as crianças da Escola Fen’Nó cantam o Hino Nacional em língua Kaingang. Na sequência, o evento segue a programação anunciada no fôlder.

Os meios de comunicação fazem cobertura do evento, contribuindo para divulgar as atividades. Segundo a professora Kaingang, Janete da Veiga, o espaço de diálogo que a semana possibilita tem sido a oportunidade de a população Kaingang expressar a sua versão dos fatos.

Pois na sociedade nacional os indígenas têm encontrado grandes dificuldades de se comunicar e se relacionar [...] A discriminação, em pleno século XXI, em relação a nós Kaingang e aos demais grupos indígenas nos impressiona e nos leva a refletir sobre a necessidade de construir novas bases de diálogo e de relações que visem garantir mais tolerância nas práticas e referentes ao respeito com as diferentes culturas no Brasil e no mundo.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Texto apresentado no relatório da Semana Cultural de 2006.

O turismo propicia a reflexão sobre a história, símbolos e significados que são construídos e reconstruídos a partir das relações sociais. Na contemporaneidade, a espetacularização das diferenças tem revelado uma busca frenética pela singularidade dos grupos, lugares, histórias. Segundo Steil (2004), o encontro entre nativos e turistas se constitui em um espaço de negociações e trocas culturais.

Os professores indígenas consideram positiva a visita dos não-Índios à terra indígena.

O que a gente pensa é que certamente as pessoas vêm pra conhecer a verdadeira história nossa, e valorizando, procurando se inteirar melhor da história verdadeira, porque até então a história contada sobre os indígenas muitas coisas não é verdadeira, e hoje a gente tá recriando a nossa verdadeira história, para que ela passe a mostrar o lado certo da história, que foi contada, por um não-Índio, e que tá sendo contada pelos próprios Índios. (Professora Kaingang, Janisse Domingos).

Durante a Semana cultural, acontecem exposições de trabalhos pedagógicos dos alunos. Os trabalhos são organizados com o objetivo de dar visibilidade à história e à cultura Kaingang. Todas as atividades selecionadas são disponibilizadas em salas de aula para a visitação dos turistas, sempre acompanhadas de um monitor que responde às perguntas. A maioria dos monitores são professores e alunos Kaingang. Em uma das salas havia uma maquete do cemitério Kaingang, com a respectiva distribuição das metades clônicas Kamé e Kairu. O monitor que prestava esclarecimentos disse ser professor de matemática, e que, embora não fosse índio, trabalha há muito tempo com os Kaingang e admira a cultura de tal modo que considera estimulante a oportunidade de estudar a história e a cultura.

Todas as salas de aula da escola são utilizadas para diferentes tipos de exposições. As ervas medicinais são expostas com os nomes em Kaingang e em português e apresentam também as indicações e funções terapêuticas. Nesta sala, o kujá permaneceu boa parte do tempo e foi muito assediado pelo público.

Na entrada e nos corredores da escola é exposto o artesanato Kaingang e Guarani produzido pelos moradores da TI e pelos alunos da Escola. Nesse espaço é possível comercializar o artesanato, além de expô-lo como constituinte da cultura.

Para a degustação da culinária típica foram construídas cabanas de madeira com cobertura de folhas de palmeira. São duas cabanas, uma para a preparação e demonstração da culinária Kaingang, e outra para a culinária Guarani. Em ambas, o fogo é feito no chão com

pedaços de madeira, geralmente troncos de tamanho médio. O tamanho da madeira é justificado para representar o modo de vida do passado, quando a lenha geralmente durava a noite toda. As explicações são realizadas por famílias Kaingang da TI que, voluntariamente, passam o dia nas cabanas. Sobre o fogo (chamado de borralho) fica uma panela suspensa, que comporta feijão ou mandioca, também havia carne assando, que representava a carne de caça; no entanto, alegam que a carne hoje é oriunda de animais domésticos, em especial a carne suína. Na cinza são assados a batata doce, o pinhão<sup>10</sup> e o bolo na cinza, este último tem sido o carro-chefe da degustação. Segundo as informantes, existem cinco tipos de receita do bolo na cinza; a receita tradicional apresenta os seguintes ingredientes: farinha de milho ou trigo, água e sal. Depois de misturar os ingredientes, eles são enrolados em uma folha de bananeira, a qual deve ser verde, “precisa ser a segunda folha”. Feito isso, o bolo é enterrado na cinza e lá permanece por trinta minutos. A movimentação maior nas cabanas, as filas são o sinal de que o bolo saíu do forno.

Nas cabanas também havia uma exposição de alguns pratos, como pisé<sup>11</sup>, ponta de abóbora, kumin<sup>12</sup> e folhas comestíveis e medicinais como, por exemplo: urtigão, fuá, caraguatá, samambaia, kumin (folha de mandioca), radichi, caruru, rabanete etc.

Foram realizadas filmagens com as pessoas mais “velhas”<sup>13</sup>, relatando o modo de vida Kaingang para ser exibido na Semana Cultural.<sup>14</sup> Todos afirmaram que as crianças hoje querem comida de supermercado e não se interessam muito pela comida dos antigos. Nesse caso, a escola tem propiciado um espaço para que os visitantes degustem a culinária típica e, do mesmo modo, efetivado a possibilidade das crianças Kaingang se apropriarem desta culinária.

Na pesquisa “Olhares sobre a Terra Indígena Xapecó”, de Savoldi (2006), foi possível perceber que as visitas demarcavam espaços de diálogo entre os visitantes e nativos. A concepção de autenticidade gerou inúmeros questionamentos, pois os olhares sobre a Terra Indígena têm revelado estranhamentos, tanto internamente, no reconhecimento da história que transcendia à memória experienciada pelo grupo indígena, quanto externamente, na constatação da semelhança. O olhar capta a semelhança ao perceber que a alteridade não correspondia ao modelo estereotipado das representações que foram construídas no passado.

---

<sup>10</sup> Os Kaingang já foram denominados de pinares, por viajantes que estiveram na região no passado. O nome lhes foi atribuído pelo fato de terem como base da alimentação os pinhões.

<sup>11</sup> Milho cozido com cinza, posteriormente é socado em um pilão até se transformar em farinha.

<sup>12</sup> Folha da mandioca, que é submetida a vários processos e depois cozida.

<sup>13</sup> O termo “velho” não apresenta uma conotação pejorativa. A escola procura enfatizar e positivar o termo.

<sup>14</sup> A exibição não aconteceu por problemas com o material.

A Semana Cultural na Terra Indígena Toldo Chimbanguê apresenta um caráter educativo, o momento do encontro entre nativos e visitantes tem servido para que a própria população indígena possa expressar tudo o que vem pesquisando, revitalizando sobre sua cultura.

O objetivo da Semana Cultural é mostrar para os visitantes que a nossa história continua, e mesmo sendo criticados, vamos mostrar ainda mais de que somos capazes para defender a nossa origem, e também para mostrar que a história do Toldo Chimbanguê ainda é viva, e que no passar dos anos vamos continuar mostrando nossos rituais. (Aluna da oitava série da Escola E. E. F. Fen'Nó, Carla de Oliveira).

Em conversa com uma professora, responsável por uma turma de quarta série do ensino fundamental, ela alegou que é interessante trazer as crianças para que elas conheçam os índios pessoalmente e não apenas pelos livros. A professora falou que gostaria que as apresentações fossem diferentes a cada ano, pois alega já ter visto uma dança se repetir.

Os organizadores do evento informam que um dos objetivos é inovar, aprimorar a cada ano, mas, no entanto, não é possível criar uma dança nova a cada ano.

No ano de 2006, foi realizada a VI Semana Cultural, o tema central foi “história viva do Toldo Chimbanguê”. A atividade que marcou a semana foi uma peça de teatro encenada pelos alunos. O texto narrado e encenado abordava a história dos Kaingang dividida em três atos. O primeiro ato abordava o dia-a-dia harmonioso antes da chegada dos portugueses. O segundo ato relatava os primeiros conflitos provocados pela Lei de Terras de 1850. O terceiro ato explicava a luta pela retomada da terra. Exibir essa versão da história para os não-índios foi considerado fundamental para professores e moradores da TI.

Nos mesmos moldes da TI Toldo chimbanguê, outras terras indígenas estão realizando a experiência da Semana Cultural, com diferentes dinâmicas, rituais, como por exemplo: ritual de casamento Kaingang, exposição de armadilhas de caça e inclusive baile de encerramento com concurso de beleza indígena.

Chambers (2000) considera que o turismo cria espaços para a diferença, ele necessita da diferença e da constante renovação. Adverte ainda a importância de estudar as particularidades do turismo em cada contexto e que o mesmo não deve ser percebido unicamente como uma questão econômica. Alega também que devemos estar atentos para os possíveis encontros que o turismo propicia.

As diferentes etnias lidam de maneira peculiar com o tempo, a história, e da mesma

forma qualificam o patrimônio de acordo com seus valores. A memória<sup>15</sup> é selecionada no sentido de revelar apenas os aspectos que os grupos consideram importante e digno.

Para Nacke (2007, p.35), "os Kaingang, como outros grupos da família lingüística Macro-Jê, organizam sua sociedade em metades exogâmicas, denominadas Kamé e Kairu, que mantêm entre si relações assimétricas e complementares." Segundo a autora, o mito de origem Kaingang considera Kamé e Kairu como seus ancestrais. As metades organizam a distribuição dos papéis em diferentes rituais. No ritual do Kiki \_ culto aos mortos \_ os representantes das suas metades são classificados também a partir das pinturas faciais \_ riscos para os Kamé e círculos para os Kairu. Os nomes indígenas são herdados da metade à qual pertence o pai. Após o ritual do Kiki é possível mencionar e reutilizar os nomes dos mortos.

Nesse sentido, Nascimento (2001) afirma que:

[...] o nome, para o Kaingang, não só identifica a pessoa como a representa. É a alma e o espírito. Talvez por esse motivo, raramente alguém revela seu nome indígena. Ultimamente, porém, as lideranças representativas da comunidade, em ações reivindicatórias, fazem questão de externar seu nome indígena como comprovante de sua identidade étnica (p. 54).

Na VIII Semana Cultural de 2008, houve o tema: “a realidade indígena no oeste catarinense”. No último dia do evento aconteciam o benzimento e o batismo Kaingang e Guarani. Durante o batizado foi publicizado o nome Kaingang das pessoas que recebem o batismo. Neste momento, foi possível presenciar o interesse de alguns visitantes não-índios que manifestavam simpatia à cultura, expressarem o interesse em receber o batismo, que foi prontamente atendido pelo kuiã (Kuja). O nome Kaingang era revelado com orgulho após o batismo.

A realização do batismo na Semana Cultural foi sugerido pelos professores e lideranças que intencionavam fazer com que a juventude passasse a entender e valorizar esse ritual dos ancestrais. O Kuiã adverte que batismo tem como objetivo proteger contra doenças e definir o nome verdadeiro.

Na Terra Indígena Chibungue, o projeto de revitalização cultural acionado a partir da proposta do currículo diferenciado chama atenção para várias práticas culturais do passado

---

<sup>15</sup> Halbwachs (1990), em sua obra "A memória coletiva", destaca que o passado é sempre reconstruído, de acordo com os conflitos, tensões, normas e problemáticas do presente. A distinção que estabelece entre memória e história evidencia que a memória é referendada pelos quadros sociais que emolduram fatos e acontecimentos que o grupo partilha, já a história seria o quadro de acontecimentos que transcende a experiência e a percepção do grupo.

que já não vinham sendo praticadas por boa parte da população da Terra Indígena e hoje são expressas para os visitantes com orgulho.

O batismo é uma das práticas que reflete o fato de as crianças e jovens Kaingang e Guaraní manifestarem orgulho da ancestralidade indígena. Esse comportamento tem surpreendido inclusive pelo fato de não somente indígenas participarem do ritual.

Hobsbawm e Ranger (1983) consideram tradição inventada as tradições que apresentam elaborações recentes, mas que, no entanto, são mostradas como sendo antigas. Nesse sentido, Grunewald (2001, p.134) faz referência à obra de Handler e Linnekin, que consideram: "tradição é inventada porque é necessariamente reconstruída no presente seletivamente, apesar do entendimento de alguns participantes de tais atividades como sendo preservação antes que invenção".

Segundo Barreto (2003, p.18), a maior parte dos turistas quer autenticidade; nesse sentido; faz referência a Dean MacCannel (1999) e sua discussão sobre autenticidade: “as manifestações culturais que se apresentam ao turista são autênticas ou são de uma autenticidade encenada?” A busca pela autenticidade e por um passado que não se dissolveu na modernidade são algumas das expectativas dos visitantes da Terra Indígena.

Considero pertinente a observação de Grunewald (1999, p.38), ao destacar que todas as experiências dos turistas

[...] são autênticas, pois são em si experiências turísticas – não importando, portanto, se um elemento cultural foi construído exclusivamente para a encenação numa arena turística ou se é imemorialmente tradicional e incorporado no mercado turístico como mais uma atração, o que importa é que faz parte daquela experiência.

Neste sentido, é mais importante compreender qual o significado que os grupos atribuem hoje às suas tradições, passado, mitos, elaborações e re-elaborações, estetizações de práticas selecionadas para a exibição pública, do que propriamente investigar o caráter de sua autenticidade.

Os visitantes têm dois momentos na Semana Cultural, um que é livre, e os grupos se dividem e podem visitar espaços diferentes, as salas com exposições ou as cabanas com a culinária, o artesanato etc. No momento das apresentações como danças, teatros, rituais, todos são chamados para ocupar os lugares próximos ao palco para assistir às apresentações.

Nestes momentos, os grupos se reencontram e relatam as impressões sobre a visita. Comentam e comparam as experiências; pude presenciar uma jovem (não-índia) manifestar com orgulho o nome de batismo que recebeu. Do mesmo modo, um grupo que degustou o

bolo na cinza, relatando aos companheiros, que em vão foram até a cabana da culinária, e não encontram mais a especiaria.

As manifestações mais recorrentes refletem a expectativa de encontrar um “grupo conservado em um passado glorioso”. O depoimento de uma aluna do curso de enfermagem evidencia essa concepção: “a Terra Indígena está urbanizada, não se tem mais aquela tribo. A influência dos não-índios é muito evidente, muito da sua própria cultura foi perdida. Eles não agem conforme pensávamos.”(Morgana S. Vieira). A mudança cultural é concebida como sinônimo de perda e, portanto, percebida como negativa.

Outros discursos classificam a experiência de acordo com o critério da autenticidade, questionando a relação entre o cotidiano e a semana cultural. “Não tivemos noção de como é o dia-a-dia deles, pareceu que eles estavam preparados para uma semana de apresentação e não para mostrar o seu dia a dia.” (Mariane Fidelis dos Santos).

Há representações, menos recorrentes, que alegam entender melhor as atitudes dos Kaingang, desconstruindo a visão maniqueísta expressa de diferentes modos no contexto regional.

A organização da memória e a reordenação da tradição com renovação e reinvenção dos fatos para consumir a nova ordem possibilita aos Kaingang repensar sua identidade, ressignificar valores. Tornar pública essa experiência implica conduzir o olhar, traçar uma linha condutora tanto no sentido cronológico como no dos mapas cognitivos que se quer imprimir. Cabe salientar que a leitura que os diferentes visitantes farão não é homogênea. Mesmo que se procure ordenar os fatos para melhor legitimar a história para o olhar da alteridade, é necessária, inicialmente, uma apropriação interna, para posteriormente torná-la pública.

Uma região/cidade/lugar só pode ser reconhecida de fora se for reconhecida de dentro. Os protagonistas do projeto de revitalização cultural estão selecionando as tradições e experimentando essas práticas no cotidiano. O resultado reflete uma negociação constante, interna e externa. A etnicidade é construída relacionalmente neste contexto conflituoso. A semana cultural é arena onde as negociações de sentidos, as trocas e mudanças culturais são experimentadas.

## REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local - Uma visão antropológica*. Campinas (SP): Papirus Editora, 2001
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e compreensão do turismo. *Horizontes antropológicos/ UFRGS, IFCH, PPGAS*, Ano 9, n. 19, Porto alegre, 2003.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras (p.186-227). In: POUTIGNAT, Philippe; Jocelyne STREIFF-FENART. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BLOEMER, Neusa Maria Sens et al. *Os Kaingang no oeste catarinense. Tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007.
- BLOEMER, Neusa Maria Sens; NACKE, anelise. As áreas indígenas Kaingang no oeste catarinense. In: BLOEMER, Neusa Maria Sens et al. *Os Kaingang no oeste catarinense. Tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A identidade e representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região*. In: \_\_\_\_\_, O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, p. 107-132, 1989.
- CHAMBERS, Erve (Ed.). *Native Tours. The anthropology of travel and tourism*. Illinois: Waveland. 2000.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma História dos Índios do Oeste Catarinense. *Cadernos do CEOM*, 10 anos de CEOM. Edição englobando Cadernos do CEOM nº. 1/8. Chapecó: UNOESC, 1989. p. 141 – 219.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Os índios do descobrimento: tradição e turismo*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Turismo e o “regate” da cultura Pataxó. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local - Uma visão antropológica*. Campinas (SP): Papirus Editora, 2001.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; SILVA, Aracy Lopes da. *A temática Indígena na Escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 2 ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC: UNESCO, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- HOBBSBAWM, E. J; RAGER T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LAC, Flávia. *O turismo e os Kaingang da Terra Indígena de Iraí – RS*. Dissertação de Mestrado, UFP, 20005.
- NACKE, anelise. Os Kaingang: passado e presente. In: BLOEMER, Neusa Maria Sens et al. *Os Kaingang no oeste catarinense. Tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007.
- NASCIMENTO, Ernilda Souza do. *Há vida na história dos outros*. Chapecó: ARGOS, 2001.
- NÖTZOLD, Ana Lúcia. *Nosso vizinho Kaingang*. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi, SILVA, Aracy Lopes da. *A temática Indígena na Escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 2 ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC: UNESCO, 1998.
- OLIVEN, Ruben George. *Nação e tradição na virada do milênio*. Resgate: Revista de cultura. São Paulo, n.º 5, p. 77-87, 1993.
- PIOVEZANA, Leonel. *Educação e cultura na Terra Indígena Xapecó*. Dissertação de Mestrado. Santa Cruz do Sul: UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul. 2000.

SAVOLDI, Adiles. Olhares sobre a Terra Indígena Xapecó: municípios de de Ipuacú e Entre Rios/SC. *Cadernos do CEOM*, ano 19 n.24, Chapecó: Argos, 2006.

STEIL, Carlos alberto. Antropologia e turismo. *Horizontes antropológicos/ UFRGS*. IFCH. PPGAS. Ano 9, n. 19. Porto alegre, 2003.

VEIGA, Juracilda. Revisão bibliográfica crítica sobre a organização social Kaingang. *Cadernos do CEOM*, 10 anos de CEOM. edição englobando Cadernos do CEOM, nº. 1/8. Chapecó: UNOESC, 1989. p. 141 – 219.

VYJKÁG, Adão Sales et al. Textos Kanhgág.1. ed. APBKG/Dka Áustria/MEC/PNUD: Brasília , 1997.